

# O ECOTURISMO E COMUNIDADES INDÍGENAS: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO

**Nadson Nei da Silva de Souza**

Mestre em Planejamento Turístico, Especialista em Ecoturismo: planejamento e interpretação em áreas naturais, Licenciado em História e Tecnólogo em Hotelaria. Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima nas áreas de Turismo e Hospitalidade, Ciências Sociais e Ciências Humanas.

labrupe@ibest.com.br

## RESUMO

O presente artigo é resultado de uma dissertação de mestrado<sup>1</sup> que teve como investigação, informações, observações e análises das necessidades dos indivíduos pertencentes à Comunidades Indígenas no Estado de Roraima – Brasil, tendo como finalidade aproveitar os recursos naturais de forma sustentável, envolvendo alguns objetivos específicos como a avaliação das potencialidades turísticas e ambientais para determinar a oferta. Neste sentido apresenta-se um diagnóstico a fim de conhecer a situação atual das referidas comunidades através de bases antropológicas. A pesquisa tem um cunho descritivo permitindo uma compreensão ampla da situação dos indígenas e suas relações com o meio ambiente e o aproveitamento deste no ecoturismo. O olhar através da antropologia permite uma análise do planejamento eco turístico para respeitar os valores culturais das sociedades tradicionais.

## PALAVRAS-CHAVE

Ecoturismo. Comunidades. Antropologia. Indígena

## ABSTRACT

*The present article is result of a master dissertation that had as investigation, information, observations and analyses of the individuals' needs of those belonging to Native Communities in Roraima State – Brazil. It had as aim to make use of the natural resources in sustainable way, involving some specific objectives as evaluation of the tourist and environmental potentialities to determine the offer. In this sense, it introduces a diagnosis to know the current situation of the referred communities through anthropological bases. The research has descriptive mark allowing a wide comprehension of the indigenous situation and their relationship with the environment and the utilization of this in ecotourism. A look through anthropology allows an analysis of ecotourism planning so to respect the traditional society's cultural value.*

## KEYWORDS:

*Ecotourism. Communities. Anthropology. Indigenous*

## INTRODUÇÃO

A problemática ambiental tem sido uma das grandes preocupações mundiais. Estudos realizados por diversas instituições públicas e privadas, principalmente as corporações de turismo dos países latinos e a Organização Mundial do Turismo, assinalam que os grupos sociais e seu desenvolvimento industrial e tecnológico farão aumentar a produção dos dejetos e a falta de planejamento do turismo nos pólos mais competitivos provocou um impacto considerável no ambiente natural.

A América Latina é um dos continentes mais ricos em termos de ambiente turístico natural, porém, também pobre em dispositivos e estratégias de conservação e proteção ambiental, o que provoca uma preocupação constante nas autoridades turísticas do mundo.

Alguns pólos turísticos, tais como Acapulco, Rio de Janeiro, Mar del Plata, Cancún possuem uma estimável demanda internacional e nacional e, paralelo a essa questão, com a dinâmica do turismo nesses pólos, o índice elevado de contaminação em seus atrativos naturais é uma realidade. Por essa razão, atualmente os turistas estão buscando outros ambientes, caracterizados por uma natureza selvagem e natural, contendo espaços para distração, descanso, intercâmbio cultural, proporcionando assim a sensação do prazer de desfrutar os diversos âmbitos correspondentes ao seu entorno social, o que confirma que muitos destes mesmos turistas estão mudando os antigos complexos turísticos por alternativas que lhes possam oferecer um contato com a natureza e com as comunidades exóticas.

Para Serrano (1997) isso acontece pelo fato de que a dura realidade em que vive o homem nas metrópoles tem gerado uma crescente demanda em busca de atividades em ambientes naturais, fazendo com que o ecoturismo cresça consideravelmente. Por isso, Santos (1998: 03) afirma que:

As principais motivações para o crescimento do turismo ecológico são as rejeições ao sintético, representado pelas instalações turísticas tradicionais e a curiosidade com relação ao mundo natural. Com o surgimento da “mentalidade verde” as pessoas se tornam cada vez mais preocupadas pelo “como” ou “de que forma” suas ações e comportamentos podem influenciar, de maneira benéfica ou maléfica, a conservação da natureza.

Na intenção de compreender a situação das áreas protegidas, incluindo, os territórios indígenas e com fins de amenizar os conflitos entre os órgãos reitores do meio ambiente, as comunidades e os planejadores das atividades turísticas,

o ecoturismo surge como uma alternativa para permitir e determinar algumas diretrizes orientadas para a preservação e conservação dos ambientes naturais e culturais, bem como determinar o comportamento correto que as comunidades receptivas e os turistas devem adotar diante da natureza.

É importante assinalar que o ecoturismo não é a salvação de um conjunto de problemas que agravam as áreas de proteção ambiental, porém serve de ferramenta para uma maior integração entre as comunidades e os institutos ambientais, uma educação ambiental que sensibilize os visitantes, um compromisso maior da comunidade com a área em que vive um fluxo considerável de pessoas nos espaços naturais abertos para a recreação e o lazer, como também a entrada de divisas econômicas que permita a manutenção das áreas protegidas e, finalmente, propiciar um bem-estar para os moradores locais.

Essa pode ser uma saída para os indígenas de Roraima, atualmente contemplados com seus territórios já demarcados, porém sem alternativas econômicas para a sobrevivência dos nativos que pretendem melhorar a qualidade de vida de seu povo, através do aproveitamento dos recursos naturais potenciais, de forma que evite a degradação dos mesmos.

Conforme a agenda de trabalho proposta para os últimos cinco anos, o êxito dos programas planejados de forma multidisciplinar entre os profissionais técnicos de todas as áreas do conhecimento servirá de exemplo para outras comunidades indígenas, que possuam grandes quantidades de terra por direito, mas sem nenhuma expectativa de projetos que resgatem a situação sócio-econômica e cultural dos indígenas.

O interesse por realizar essa investigação é também compartilhar conhecimentos sobre o entendimento do ecoturismo e das distintas formas que ele vem se desenvolvendo em alguns lugares com grande potencialidade em recursos naturais, evitando assim o equívoco e a insatisfação da comunidade local, que com muita força de vontade necessita garantir outros meios para sobreviver.

A indicação do ecoturismo para a prática do desenvolvimento sustentável nas comunidades indígenas deverá traduzir-se também na prevenção do desflorestamento desordenado, das queimadas, que todos os anos prejudicam a fauna e a flora da região, assim como dos sítios arqueológicos existentes no mesmo ambiente.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 O avanço tecnológico e o comportamento do turista ante a marcha histórica do turismo até o ecoturismo.**

O avanço econômico e tecnológico do mundo pós-guerra mudou a vida do homem dentro dos aspectos econômicos, sociais e culturais. A utilização do avião, anteriormente, nos conflitos bélicos de 1914 a 1918 e 1939 a 1945, vinha ser aproveitado como meio de transporte para deslocar as pessoas para outros destinos.

Além disso, o homem foi conquistando algumas vantagens e direitos do trabalho por meio de lutas e reivindicações, alcançando melhores remunerações, férias remuneradas e dias livres. Tais acontecimentos permitiram o deslocamento de pessoas para outros destinos com a finalidade de entretenimento e recreação.

Assim origina-se o turismo massivo, um novo segmento no mercado com um desenvolvimento econômico surpreendente e, paralelo a isso, a viagem turística se transformou em um elemento de deterioração ambiental, como assinala Ramis (citado por Sandoval, 2001: 06) “... que apesar de sua relativamente curta existência se tem convertido em quatro décadas em uma das primeiras e mais destrutivas estruturas produtivas do mundo da sociedade industrial”.

A intensa busca pelo turismo de praia contribuiu para o deslocamento de um número crescente de turistas para destinos de praias do Mar Mediterrâneo e isso fortaleceu as mudanças no ambiente urbano e paisagístico de vários países mediterrâneos, começando pelas construções dos grandes centros de férias e recreação, planejados única e exclusivamente para atender às necessidades dos turistas.

Nos finais dos anos setenta, os turistas praieiros começaram a buscar os lugares mais distantes e menos conhecidos do planeta. A rota do “velho continente” foi substituída pelos novos espaços ainda pouco conhecidos, assim apareceu uma nova demanda para os destinos exóticos e longínquos, tais como as ilhas Galápagos, o Tibet, as selvas tropicais da Amazônia e as ruínas Mayas, Astecas e Incas.

Assim o maior problema viria a ser a pouca preparação dos viajantes, já que a forma comportamental de atuar em áreas naturais era muito precária, pois as principais noções com relação às comunidades locais e sobre o espaço geográfico onde as mesmas habitam quase não existiam, permitindo uma deterioração ambiental de grandes proporções, pondo em perigo o modo de viver dos sujeitos-receptores e sua maior riqueza: a diversidade natural.

Por este tipo de comportamento e pelo sentimento de invasão que se processa no momento de interação entre os principais protagonistas da atividade turística, é que Butler (1992) citado por Sandoval (2001: 09) explica:

Da mesma maneira em que durante os anos 50 e 60 os norteamericanos foram chamados de “turistas feios”, foi que durante o

período de 70 assim chamaram os alemães, na Europa e África do Leste. Posteriormente, na década de 90, aos turistas japoneses lhes tocou o turno

## 1.2 O ecoturismo: uma confusão conceitual

O comportamento do turista tradicional expresso em sua atitude depredadora tem originado uma série de perdas. Assim, conforme a natureza vai sendo impactada as comunidades receptoras sofrem interferências culturais.

O ambiente natural obedece a um ciclo vital harmonioso e à medida em que o homem se empenha a contaminar ou destruir se rompe o equilíbrio ecológico, afetando todas as funções de cada ser vivo, como explica Molina (1998: 91): “Os ecossistemas naturais têm uma gestão que desenvolve, a qual se é interrompida pelo homem causará grandes desequilíbrios nos mesmos ecossistemas e com projeções, mas além de seus próprios limites”.

Na realidade, os seres humanos ainda não tiveram a capacidade de compreender, nem sequer investigar acerca dos sistemas ecológicos. Essa falta de conhecimento intervém na harmonia dos ecossistemas perturbando o funcionamento destes através de atividades realizadas diariamente, condicionando assim sua gestão e, por conseqüência, limitando seu desenvolvimento.

O maior problema do turismo tradicional é que nasceu das necessidades de uma demanda com interesse em desfrutar dos atrativos naturais e culturais de lugares distintos dos de sua origem, porém sem nenhum planejamento com base em estudos de impacto ambiental, particularmente nos investimentos de infraestrutura turística. Com relação ao tema, Ruschamm (1997: 24) comenta que:

Os equipamentos e serviços instalados para atender ao turismo massivo provocam uma série de efeitos negativos sobre o meio ambiente: a destruição da cobertura vegetal do solo, a devastação das florestas, a erosão das costas, a ameaça de extinção de várias espécies da fauna e da flora, a poluição sonora, a visual e a atmosférica, aparte da contaminação das águas dos rios, lagos e oceanos.

Molina (1998) afirma a existência de uma crise ecológica nos espaços de uso turístico, a qual se origina diante do enfrentamento de forças que são o espaço cultural e o natural. Isso começa no momento em que o homem percebe que a “exploração” dos recursos naturais satisfaz suas necessidades básicas e, então, tende a manipulá-los irracionalmente, perturbando e impactando em grande escala os diversos tipos de ecossistemas<sup>2</sup>

De igual maneira, a atitude dos empresários turísticos, hoteleiros e gastronômicos, centrada em atender a dura imposição do capitalismo, expressa em “mais produção, mais capital lucrativo”, fortalece o conflito entre as duas forças, resumindo seu planejamento na necessidade de crescimento em atrações e uma concentração injusta de capitais, sem nenhuma preocupação com o espaço natural.

Na mesma ordem de idéias, Ruschmann (1997: 25) assinala que:

O produto turístico natural tem como base a venda dos aspectos ambientais dos lugares e a estrutura receptiva que devem ser pequenas, integradas e harmoniosas com relação ao meio. Diante disso, se pergunta até que ponto os empresários do turismo, que demonstram interesse pela rentabilidade, estarão interessados pelo desenvolvimento deste tipo de negócio, que, devido a seu tamanho, nem sempre apresenta lucros imediatos.

Os impactos ambientais e culturais processados pelo turismo tradicional estavam cada vez mais presentes nos destinos turísticos, expressos por uma demanda sem nenhuma preocupação com as causas e conseqüências originadas da atitude depredadora e deseducada da mesma. A razão talvez esteja em que a maioria dos turistas retornam esgotados de seus destinos de origem com a intenção de aproveitar o tempo ao máximo, sem lhes importar o destino turístico.

Com o passar dos anos este negativo procedimento foi alterado na medida em que estes impactos ambientais eram mais freqüentes e percebidos por todos os protagonistas envolvidos no negócio turístico. Sobre esta base, Molina (1998: 63) comenta que:

A meados da década de oitenta se foram fazendo notórias as tendências emergentes do mercado, que começaram a pressionar as diretrizes de desenvolvimento de produtos turísticos, as quais tiveram sujeitos a um novo marco. Deste modo, a demanda turística se fez cada vez mais consciente do impacto do turismo no meio natural e na cultura.

Segundo Sandoval (2001: 10), a tomada de consciência com respeito à natureza tem tardado muito e algumas ações concretas isoladas de organizações preocupadas com o esgotamento dos recursos naturais, de certa forma evidenciam a existência de uma “consciência ambiental”. O desenvolvimento natural adequado e o fato de que os turistas que visitam o país possuem um amplo inte-

resse na conservação do ambiente definiram algumas políticas orientadas para o desenvolvimento do turismo através de um planejamento integral com base no ecoturismo, como comenta Casal (2002).

O maior problema que surgiu da experiência costarricense foi a utilização do nome ecoturismo para uma diversidade de produtos e serviços turísticos inapropriados, o que de certa maneira, comenta Sandoval (2001), originou uma abundância de definições e explicações apropriadas por uma pequena indústria de expertos cuja intenção é se beneficiar de sua popularidade.

Desde então começaram os problemas inquietantes sobre a conceituação do ecoturismo, posto que alguns empresários considerem que o mesmo é uma atividade que pode ser planejada e tem desenvolvimento dentro do marco da conservação dos recursos naturais, como diz Mendonza (apud Ovalles, 1993):

O ecoturismo (...) é uma atividade recreativo-educativa dirigida a um segmento do turismo com interesse na natureza e que tem por objeto a interpretação em forma simples de sua estrutura e funcionamento, sobretudo naquelas áreas protegidas, lugares onde se revela a ação positiva ou negativa do homem sobre o meio natural.

Sandoval (2001) assinala que a primeira definição aceita foi a do arquiteto Cevallos Lascuráin (1983) que assegura o ecoturismo como sendo aquele segmento do turismo que envolve viajar a áreas naturais relativamente tranquilas com o objetivo específico de admirar, estudar e desfrutar da paisagem e de suas plantas e animais selvagens, assim, como de qualquer manifestação cultural existente encontrada nessas áreas.<sup>3</sup>

Ao mesmo tempo o conceito de Lascuráin não enquadra com o que sugere Kutay (1989) quando diz que o ecoturismo “deve ser visto como um modelo de desenvolvimento no qual as áreas naturais são planejadas como uma parte do turismo baseado nos setores econômicos e sociais”<sup>4</sup>.

Para Boo (1990) o ecoturismo resulta em benefícios potenciais expressos na geração de divisas para as áreas sob regime de administração especial, a inserção das comunidades localizadas ao redor de tais áreas, o dinamismo econômico e o bem-estar social resultantes da criação de empregos diretos e indiretos e a educação ambiental como elemento promocional para a conscientização e a conservação.

Para Casal (2002: 138) é preocupante a situação quando o modelo adotado para o desenvolvimento de atividades turísticas se caracteriza pelo conhecido

turismo convencional, “(...) concentrado na oferta e massificado na demanda, estandarizado na prestação dos serviços e sem verdadeiros mecanismos de controle, sobretudo nas áreas naturais protegidas e na incursão massiva do turista a comunidades sensíveis (...)” resultarão em graves problemas no entorno que envolve o binômio homem-ambiente natural, sem assegurar nenhum benefício sócio-econômico para tal entorno.

Por outro lado, Boo (1990) explica que o ecoturismo também possui seus custos potenciais, particularmente nas injustiças e instabilidades econômicas e nas mudanças sócio-culturais negativas, aos quais provocam reações conflituosas na maneira de compreender a conceituação ecoturística.

Essa preocupação também é refletida por Diegues (1994) quando faz uma análise do ecoturismo, principalmente quando o define como uma atividade não contaminadora e que beneficia as populações mais humildes. Para o autor esta forma de pensar é um mito e tem originado alguns problemas nas definições de estratégias e desenvolvimento social.

Dentro deste enfoque, uma vez mais, é importante reforçar a importância do planejamento do ecoturismo já assinalado por Casal (2002:138), no que diz respeito ao tratamento para evitar e reduzir tais custos potenciais, o qual se alcançará “(...) mediante a adequada preparação dos recursos humanos locais e da sensibilização e conscientização das comunidades receptivas, dos prestadores de serviços e dos turistas mesmos”.

A falta de cumprimento com os requisitos necessários para a implementação do ecoturismo também tem contribuído bastante para a má interpretação dos conceitos ecoturísticos.

Neste particular, Boullón (1999: 44) explica fazendo uma relação ao tema que os operadores turísticos se detiveram em nada mais que seus interesses, porque “... ao descobrir (...) a possibilidade de chegar a um mercado potencial sensibilizado com os problemas ambientais, muitos começaram a falar do ecoturismo, porém poucos produziram as inovações necessárias para chegar a se diferenciar dos tours tradicionais que incorporam a observação da natureza como um subproduto”.

Isso demonstra a insensatez dos operadores turísticos com relação aos lineamentos filosóficos sobre o ecoturismo, sem demonstrar nenhuma preocupação com o ambiente natural e o ser humano que se encontra arraigado nele, se fazendo crer, devido a sua ignorância cultural e a ambição econômica, que tais preceitos filosóficos, nada mais constituem que fantasias ou ilusões, esquecendo-se de que as manifestações da diversidade biológica e sócio-cultural ainda constituem pontos importantes para a vida no planeta.

O difícil entendimento acerca do ecoturismo tem feito com que apareça uma diversidade de interpretações, as quais muitos vão utilizando de forma equivocada, gerando uma série de impactos no ambiente<sup>5</sup>.

Alencar e Barbosa (2000,35) afirmam que “(...) a importância de outras visões e práticas ecoturísticas são condições atuais urgentes para o Ecoturismo no sentido educacional, interpretativo, de desenvolvimento sustentável natural e cultural.”

O correto seria aproveitar a oportunidade enquanto os conceitos sobre o ecoturismo estão em processo de construção, é uma forma de revisar e analisar velhos conceitos aplicados de forma errônea e logo sugerir novos caminhos orientados através dos princípios da educação ambiental, dos valores éticos, morais e ecológicos das sociedades, para assim alcançar um conceito ecoturístico. O resultado disso implicaria em uma série de mudanças em algumas posturas de empresários, operadores turísticos que produzem o espaço natural e cultural como atividade econômica e dos próprios turistas, que, todavia, não adquiriram uma consciência ecológica.

De repente, tratar o ecoturismo como uma resposta às atividades desenvolvidas na natureza, talvez legitime mais a responsabilidade social e permita uma compreensão consciente dos recursos naturais e culturais por parte de todos os atores envolvidos nos trades turísticos.

O conceito adotado pelo governo brasileiro através das Diretrizes para uma Política Nacional do Ecoturismo propõe que este seja tratado como uma atividade segmentada, enlaçada dentro das estratégias de incentivo à conservação e à formação de uma consciência ambientalista.

Segundo Alencar e Barbosa (2000), ao propor tal conceito, o governo brasileiro envolve o ecoturismo nos novos rumos da economia mundial, baseada nas idéias da globalização, “integração econômica” ou internacionalização da economia.

É interessante tal posicionamento, principalmente devido ao fato de que as bases da globalização se resumem aos interesses produtivos dos países que possuem uma economia estável, constituindo uma estratégia para manter a política do capitalismo, resultando na exploração dos recursos potenciais dos países pobres a seu favor.

Neste particular, Falcão (1999: 65) citado por Alencar e Barbosa, diz que:

(...) uma das novas posturas no contexto da internacionalização da economia atual (relações de produção e consumo) faz com que as especificidades da economia do turismo reproduzam a lógica da re-

tenção de capitais nos mercados centrais, em detrimento dos países periféricos.

Interpretando filosoficamente o conceito dado por Nobre (1999: p. 04),

Ecoturismo, que é sinônimo de Turismo Ecológico, é aquele cujos viajantes se dirigem para as áreas relativamente não afetadas, com objetivos específicos de estudo, admiração e prazer em observar plantas e animais, assim como aspectos culturais existentes (passado ou presente) encontrados nestas áreas. O ecoturismo promove e sustenta o desenvolvimento local, enquanto que ao mesmo tempo preserva os recursos naturais.

Essa concepção sugere o ecoturismo relacionado à postura do turista, que satisfaz suas motivações em contato com a natureza, porém deve ter uma responsabilidade com o entorno natural e cultural. Essa responsabilidade perpassa pelos valores éticos e morais, que contribuam para uma atitude mais comprometida com os princípios da preservação e conservação, bem como uma integração forte com a região visitada. Assim, começa-se a falar no diferencial entre o turista e o ecoturista.<sup>6</sup>

### **1.3 A participação das etnias indígenas no ecoturismo: uma análise antropológica**

Outro aspecto relevante para o desenvolvimento de um projeto de ecoturismo é a participação da comunidade local. No caso de projetos a serem desenvolvidos em territórios indígenas, nada mais importante do que a contribuição dos indígenas no estudo e aplicação do negócio.

Com relação ao envolvimento dos integrantes das comunidades locais no ecoturismo, Las Heras (1999: 121) assinala:

Eles vão saber explorar o recurso natural, porque são os que o conhecem, eles sabem onde se pode observar os animais ou onde se encontram as plantas interessantes, eles conhecem o comportamento do ecossistema e, o que é mais importante, eles podem ser os perfeitos guardiães dos recursos do lugar.

Lascuráin (1998: 49) aclara que o fato de que os grupos humanos, especialmente as etnias indígenas, possuem uma longa permanência em determinadas

regiões “(...) muitos de seus membros (sobretudo os de maior idade) possuem vastos conhecimentos, ainda que empíricos, em relação ao seu meio ambiente natural e às tradições locais”.

É importante assinalar que no processo de planejamento se deve tomar em conta a decisão dos indivíduos que pertencem a tais comunidades, posto que eles são os que devem expressar seus interesses pelo aproveitamento dos recursos naturais potenciais e suas manifestações culturais como atrações para os turistas ou visitantes.

Do contrário, é impossível alcançar um desenvolvimento ecoturístico com base local.

Rodríguez Rojas (1993), citado por Rodrigues (1999: 87) afirma que:

Também é difícil sustentar propostas de turismo local, especialmente em Parques e Áreas Naturais protegidas, se a comunidade local carece de valores e tradições naturalistas. Não havendo cultura local, não existem raízes e nem interesse por defender o que é seu. E a base cultural deve centralizar-se na natureza.

Ainda neste processo é necessário que todos os integrantes comunitários saibam que o ecoturismo constituirá um elemento complementário às atividades econômicas já praticadas na comunidade e que ele por si mesmo não constitui uma forma única de gerar renda e empregos. Fazê-los pensar que este é um mecanismo único para melhorar a situação sócio-econômica de todo grupo social, seria desastroso, como conclui Lascuráin (1998):

É importante assinalar que não deverá conceber-se o ecoturismo como uma panacéia nem como uma atividade única da comunidade. (...) Deverá constituir uma atividade complementar de outras de índole tradicional que já praticam os habitantes locais. Se não for assim se pode cair em um tipo de “monocultivo” que poderia ser desastroso, já que a atividade turística pode sofrer flutuações bruscas, muitas vezes de fatores externos e inclusive de carácter mundial.”

A forma de envolver as comunidades no ecoturismo também representa uma forma de estabelecer algumas diretrizes para um manejo integrado entre administradores de áreas protegidas e os operadores turísticos, de forma bem pacífica e direcionada aos interesses de todos e principalmente das unidades de conservação.

Por um longo tempo, houve uma série de conflitos entre os três protagonistas: os administradores, tentando cumprir com o que estabelecem as leis ambientais; os operadores, buscando seus próprios benefícios através dos recursos naturais existentes nas áreas protegidas; e, por último, as populações locais, que necessitam sobreviver e, muitas vezes, suas práticas econômicas também estão relacionadas com os recursos existentes no ambiente natural.

Problemas de imposição autoritária das leis ambientais, queixas, conflitos, brigas, manifestações e protestos se dão sempre entre os administradores de áreas de preservação ambiental - constituídas por reservas ecológicas, santuários marítimos, monumentos naturais, parques nacionais, territórios indígenas e outros - e as comunidades locais, que por sua vez manifestam seus direitos à terra, à cidadania e a uma vida digna.

Isso se deu porque, no momento em que foram criadas as áreas protegidas, não se levou em consideração as comunidades localizadas ao redor dessas áreas. Houve uma considerável preocupação com a problemática ambiental, porém o homem também tem uma série de necessidades para sua sobrevivência. O que acontece é que o binômio homem-ambiente ainda não constitui um conceito familiar, facilitando sua compreensão, já que o homem é visualizado como um elemento à parte da questão ecológica.

O mesmo acontece com os empreendedores turísticos, que exploram o atrativo de uma região potencial sem antes observar a realidade, analisar e estudar os impactos culturais para assim diagnosticar as necessidades da população local.

É muito fácil entender essa situação, já que o setor turístico se desenvolveu dentro de um marco divisor do capitalismo, comentado antes por Nobre (1997), que analisa perfeitamente a realidade das comunidades receptoras, que na maioria das vezes se encontram totalmente marginalizadas do processo produtivo.

Seria “desastroso” e constituiria “um atraso sócio-econômico” às comunidades locais seguir aceitando uma proposta que consiste na “exploração” dos recursos da área, caracterizada pela indiferença às suas necessidades primárias.

Os turistas, por sua vez, ainda que inconscientemente, contribuem para aumentar tal situação, dificultando a entrada de divisas na comunidade visitada, no momento em que compram e pagam seus pacotes turísticos das grandes operadoras turísticas e rede de hotéis em seu lugar de origem.

A respeito do assunto, o antropólogo Frank Manning, citado por Casal (2002: 150) opina da seguinte forma:

Os turistas (...) não têm uma aproximação com o país anfitrião, pois sua relação só acontece com o pessoal de serviços, cujo traba-

lho é mimá-los e diverti-los. Estas áreas simbolizam o bem estar do estrangeiro e os privilégios em meio a uma pobreza local.

Casal (2002: 150) resume a questão em análise dizendo: “A inteiração entre as pessoas de diferentes culturas e extratos, como sucede no turismo internacional, resulta no paradoxo “nós queremos o que vocês têm”. Obviamente o viajante é quem paga pelo que não pode ter em seu próprio país”.

Como se pode perceber, é imprescindível o papel da comunidade nos projetos de implantação do ecoturismo em áreas protegidas, posto que algumas delas estão inseridas dentro dos limites dessas áreas.<sup>7</sup>

Western, citado por Lindenbergh e Hawkins (1995), afirma que a “(...) conservação e o turismo que negam os direitos e interesses das comunidades locais estão destinados ao fracasso, quando não considerados totalmente ilegais”. E Ruschmann (1997) diz que é importante “(...) considerar a gestão de todos os ambientes, os recursos e as comunidades receptivas, de modo a atender às necessidades econômicas, vivenciais e estéticas (...)”

Como exemplo, Rodríguez Rojas (Rodrigues: 80), em sua tese doutoral, explica o que sucedeu nas Islas Galápagos, particularmente no que trata da saída de divisas e o processo migratório do Equador para as ilhas. O autor demonstra sua preocupação com o entorno territorial, que à parte de ser espetacular, devido as características especiais e únicas dos ecossistemas existentes, permite que a cada ano aumente o número de visitantes, e, por conseqüência, das divisas em dólares, entretanto, os residentes que vivem no local, “(...) participam marginalmente no negócio turístico das ilhas”.

É importante recordar que no planejamento do ecoturismo nas áreas protegidas, especialmente o equivalente aos territórios indígenas, é interessante realizar uma análise prévia dos impactos que poderiam interferir nas manifestações culturais.

Pearce (1998: 148) afirma que:

(...) o contato direto entre os turistas, a população local do Terceiro Mundo e as comunidades pobres freqüentemente gera discórdia, exploração e problemas sociais” (...) uma vez que “(...) o simples processo dos turistas observarem a população local pode ter profundas influências.

A exemplo da população local do Alaska, Pearce (1998) aponta para a problemática cultural, dizendo que seus integrantes rejeitavam o comportamento dos

turistas, quando estes tomavam suas fotos exatamente no momento que estavam regressando de suas atividades e preparando as vendas.

Na mesma perspectiva, Casal (2000: 150) explica que à parte dos impactos causados pelo turismo massivo:

Outra modalidade que tem mostrado um alto impacto na cultura é o chamado etnoturismo. Este é o turismo que realizam viajantes interessados nos costumes, tradições, zonas arqueológicas, rituais e celebrações culturais.

Exemplificando, o autor aponta que em “(...) Fuenterrabia, Espanha, as pessoas de Alarde foram forçadas pelo Ministério da Informação e Turismo a realizar a celebração ritual da vitória de 1638 para os turistas, o que resultou em seu desaparecimento (Greenwood, 1982)”.

Pearce (1998: 149) explica que E. Crystal afirma que a venda da cultura local requer um conhecimento antropológico anterior por parte dos turistas, uma vez que muitas “(...) culturas dão uma enorme importância simbólica e espiritual para suas cerimônias e objetos artísticos.” Entretanto, com a falta dessa compreensão antropológica, “(...) os turistas simplesmente observarão tais eventos como costumes “exóticos” ou “lindos”, fortalecendo nada mais do que a comercialização massiva da cultura local”.

Pelo exposto, é importante, no momento de planejar o ecoturismo em territórios indígenas, levantar todos os possíveis impactos sócio-econômicos que podem ser gerados no âmbito da sociedade em que se encontra inserida a comunidade, como aconteceu no Caribe onde:

(...) os recepcionistas atendem os turistas em primeiro lugar e a população local depois; a inflação devido a presença dos turistas leva a população local a pagar mais para se alimentar; o acesso à praia é bloqueado pelos hotéis turísticos; o tempo necessário para os deslocamentos aumenta e o alvoroço das praias e parques torna perigosos os jogos de críquet, que são tradicionais e espontâneos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do ecoturismo dada através da participação comunitária constitui um exercício significativo para uma compreensão antropológica dos elementos que caracterizam a cultura das etnias indígenas e sua aplicabilidade no desenvol-

vimento do turismo em geral.

É de fundamental importância a análise dos padrões comportamentais das comunidades locais. No caso do Estado de Roraima, especificamente dos indígenas, a intensidade dessa análise aumenta justamente pelo fato de que os mesmos são regidos por leis federais específicas e até mesmo pelos cuidados com o tão conhecido “não índio”, preocupação histórica e justa, particularmente quando se trata dos maltratos e sofrimentos ocorridos ao longo do processo “selvagem” de ocupação humana nas regiões mais distantes do Brasil e do continente americano em geral.

Que o ecoturismo é uma alternativa para complementar as atividades econômicas nas comunidades indígenas, tais como o artesanato e a piscicultura, entre outros, não se tem dúvidas, porém é fundamental um estudo antropológico das manifestações culturais e da relação entre o homem e os recursos naturais, para logo analisar e diagnosticar a situação real e potencial da comunidade e assim planejar as ações e diretrizes que beneficiem e contribuam com o desenvolvimento sócio-econômico e, no caso daquelas etnias indígenas que esqueceram suas tradições, resgatar sua cultura, sem deprestar o ambiente natural e cultural tão necessários a seus integrantes.<sup>8</sup>

O mundo tem sido um cenário de batalhas e lutas contínuas e isso aconteceu pelo fato de que o homem não soube compreender “o outro”, antropológicamente falando, juntamente com os elementos e valores que lhes dão suas próprias características.

Um ecoturismo pensado como atividade econômica facilitará a invasão massificadora e o domínio cultural, que durante anos vem transformando os povos, alterando seu modo de pensar e atuar, gerando um impacto sócio-cultural considerável.

Depois de sua chegada no continente americano, os povos indígenas têm vivenciado um processo de marginalização, porém resistindo às pressões, às tensões e à imposição cultural dos colonizadores. Uma selvageria de instintos mal compreendida pelo europeu da época, moldado a um tripé que incluía poder, igreja e economia.

Por isso, é importante considerar que qualquer investigação feita permitirá uma aproximação do indígena ao conhecimento acerca dos benefícios do ecoturismo e um processo de aceitação, sensibilização e conscientização com relação à sua implementação como alternativa de complementar o desenvolvimento sócio-econômico e bem-estar dos integrantes de suas comunidades.

Por outro lado, é necessário esclarecer que o processo de planejamento do ecoturismo é fundamental para as comunidades indígenas; do contrário, tais

comunidades serão destinos iguais àqueles já impactados e modificados, porque o ecoturismo tem constituído uma estratégia também voltada para a corrupção de negócio, e, partindo desta perspectiva, alguns destinos turísticos foram bastante impactados pelo fato de que sua implantação resumiu-se ao aspecto econômico.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Edgard y BARBOSA, José Humberto. **Introdução ao Turismo**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.
- ARIAS ODÓN, Fidiás G. **El Proyecto de Investigación: Guía para su elaboración**. 2. ed. Caracas: Episteme, 1997.
- BARBOSA, Reinado Embrózio (ed). **Homem, ambiente e ecologia no estado de Roraima**. Manaus: INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1997.
- BOO, Elizabeth. **Ecoturismo: Potenciales y Escollos**. World Wildlife Fund & The Conservation Foundation, 1990.
- BOULLÓN, Roberto C. **Las actividades turísticas e recreacionales: el hombre como protagonista**. 3. ed. México: Trillas, 1998.
- \_\_\_\_\_, Roberto C. **Planificación del espacio turístico**. México: Trillas, 1999.
- CASAL, Francisco Manuel Zamorano. **Turismo Alternativo: servicios turísticos diferenciados: animación, turismo de aventura, turismo cultural, ecoturismo, turismo recreativo**. México: Trillas, 2002.
- CEBALLOS-LASCURÀIN, Héctor. **Ecoturismo: Naturaleza y Desarrollo Sostenible**. 1. ed. México: Diana, 1998.
- DE BARROS, Nilson Barros. **Roraima: Paisagens e Tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Ed. Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Geografia do turismo: meio ambiente cultura e paisagens**. Recife: Ed. Universitária de UFPE, 1998.
- FERMIN, Orlando. **Fundamentos Científicos Del Turismo**. Ed. Fondene: Porlamar- Venezuela, 1996.
- GRUPO TECNICO DE COORDENAÇÃO PARA A AMAZÔNIA LEGAL. **Programa Piloto de Ecoturismo em Áreas Indígenas**. Brasília: EcoBrasil, 1997.
- HAULOT, Arthur. **Turismo Social**. México: Trillas, 1997.
- LAS HERAS, Mónica Pérez de. **La Guía del Ecoturismo: O cómo conservar la**

naturaleza a través del Turismo. España: Ediciones Mundi-Prensa, 1999.

LINDBERG, Kreg e HAWKINS, Donald. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC, 1995.

MOLINA E., Sergio. **Turismo e ecologia**. 6. ed. México: Trillas

OYARZUN, Diego Azqueta e PÉREZ, Luis Pérez. **Gestión de Espacios Naturales: La demanda de servicios recreativos**. 1. ed. España: McGrawHill, 1996.

RODRIGUES, Adyr Balastreri (1999) **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento interdisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Hucitec.

\_\_\_\_\_, Adyr Balastreri (Org) (1997) **Turismo e Ambiente: Reflexões e Propostas**. São Paulo: Hucitec

\_\_\_\_\_, Adyr Balastreri (Org) (1999) **Turismo e Desenvolvimento Local**. 2. ed. São Paulo: Hucitec

RUSCHMANN, Doris van de Meene (1997). **Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do meio-ambiente**. Campinas, SP : Papirus (Coleção Turismo)

SANTOS, Batya Ribeiro dos. **Educação ambiental e ecoturismo: parceria indispensável para uma atividade ambiental economicamente sustentável Turismo: Tendências e Debates**, Salvador, FACTUR/SEBRAE–BA, ano I, nº 1.

SERRANO, Célia e BRUNHS, Heloísa (orgs). **A vida e os parques: proteção ambiental , turismo e conflitos de legitimidades em unidade de conservação**. In: Viagens à natureza. Campinas: Papirus, 1997.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Conceitos e impacto ambiental**. Vol. 01. São Paulo: Aleph, 2000.

THEOBALD, William F (Org). **Turismo Global**. 2. ed. São Paulo: Senac, 1998.

## NOTAS

- i. SOUZA, N. El ecoturismo como alternativa sócioeconómica para la Comunidad Indígena de Nova Esperança – Estado de Roraima/Brasil- 2006.
1. Este enfrentamento entre a ação humana e as físicas ambientais se dá devido aos intensos deslocamentos de turistas e de residentes sem nenhuma “cultura turística” com relação aos destinos turísticos. Assim se encontram os destinos de praias, de natureza, colapsados por muitas práticas turísticas que não se enquadram no espaço natural.
2. Este conceito foi muito questionado devido sua limitação ao Turismo de natureza,

ou seja, o turista, que em contato com o ambiente natural, visita-o, conhece o habitat em perigo, sabe que é necessário conservá-lo e preservá-lo, porém regressa para seu lugar de origem sem nenhuma transformação interior.

3. Ao anterior se entende que em termos de conceituação, o ecoturismo não deve ser compreendido como sendo uma atividade turística, mas sim, como uma resposta responsável quando se trata do desenvolvimento do turismo e seus segmentos. Assim compreende-se o mesmo enquadrado através de preceitos filosóficos, de forma a fomentar uma atuação do turista frente a um conjunto de atitudes que demonstrem seu compromisso e responsabilidade com a natureza e com as comunidades receptoras.
4. A respeito do tema, Alencar e Barbosa (2000: p.35) se posicionam dizendo que o ecoturismo, (...) praticado no Brasil e na América Latina, é uma atividade ainda desordenada fortalecida quase exclusivamente pela oportunidade de mercado, deixando de gerar os benefícios sócio-econômicos e ambientais e comprometendo o conceito mecanicista da imagem do produto turístico brasileiro nos mercados interno e externo.
5. Outros conceitos de ecoturismo estão em processo de construção, como assinala Alencar e Barbosa (2000: 43/44): “O Ecoturismo corresponde a uma postura do viajante, não propriamente partindo da área que este viajante está visitando. O ecoturismo acontece com o interesse principal de conhecimento, o ecoturista tem sede de cultura, é um tipo que pesquisa e busca o que fundamenta a paisagem, o lugar – o contexto cultural. O ecoturismo: a) pressupõe, então, a interpretação e não a simples informação das características locais; b) desenvolve atividades em ambientes naturais e/ou sociais, pois considera o valor cultural para a humanidade e para a própria reprodução da vida – um sentido conservacionista; c) estrutura processos de desenvolvimento da e com a população local e só com esses objetivos tenta o desenvolvimento econômico utilizando os recursos naturais”. Portanto, o que chamam de produto turístico, no turismo, é considerado recurso cultural no ecoturismo, o que deve ser preservado e que deve sustentar a população local.
6. A Comunidade Indígena de Nova Esperança, localizada no Território Indígena de São Marcos tem como uma de suas metas no PRONESP (Programa de Sustentabilidade para Nova Esperança) o ecoturismo. Tal atividade não seria a principal, mas sim o complemento às outras que caracterizam sua economia. Um dos principais atrativos é a Trilha do Coatá, que integra elementos da fauna e da flora somados às gravuras representativas da iconografia indígena encontradas nas rochas, ao longo do itinerário. Alguns indígenas interessados em capacitar-se fizeram cursos de Condutor de Atrativo Local e Turismo Sustentável, promovidos pelo SEBRAE-RR em parceria com o CEFET-RR.
7. É importante esclarecer que o ecoturismo pode representar um exercício na compreensão de sua aplicabilidade dentro do processo de aprendizagem e construção da cultura, elemento fundamental para a identidade de um povo, posto que representa sua forma de viver e pensar acerca da existência.